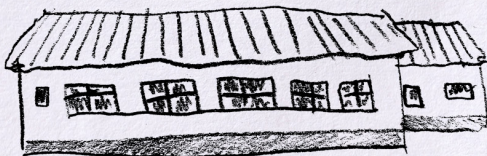
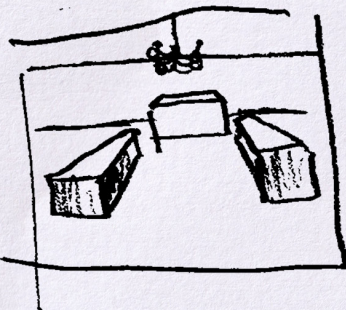
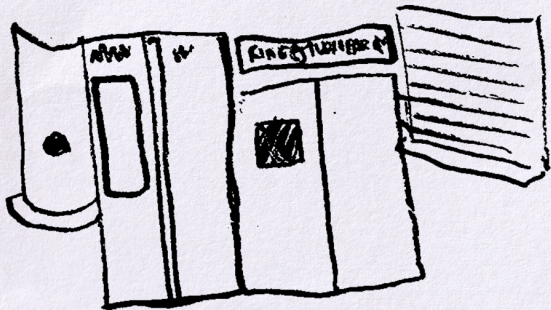


# MEMORABILIA #10

DEZ DESEJOS



# MEMORABILIA

NOME FEMININO PLURAL

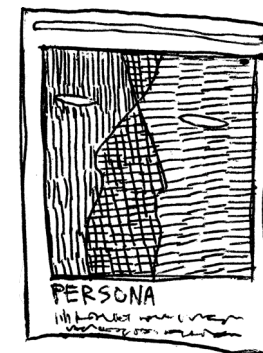
1. CONJUNTO DE COISAS OU ACONTECIMENTOS MEMORÁVEIS.
2. CONJUNTO DE OBJECTOS

ORIGEM ETIMOLÓGICA:

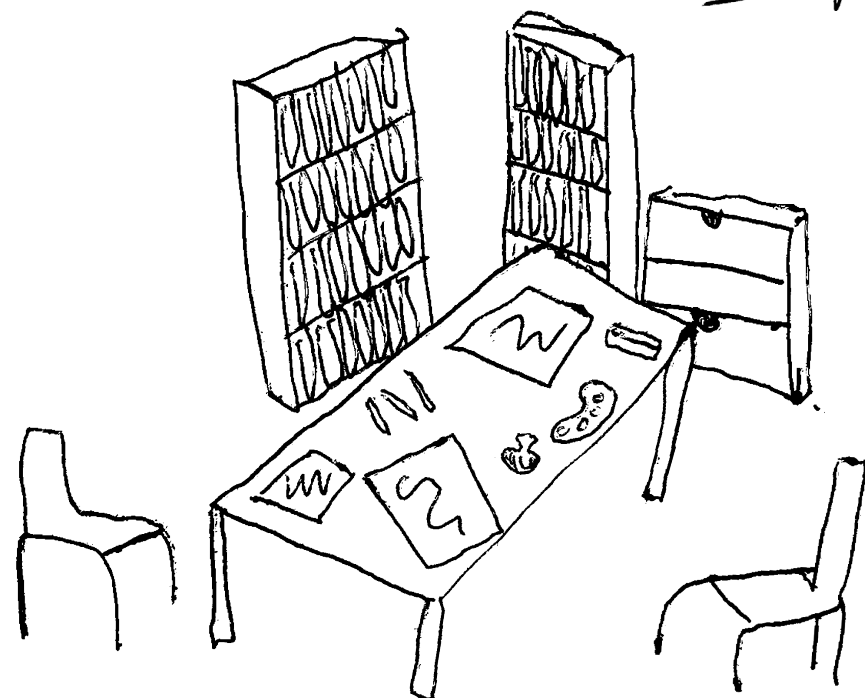
PALAVRA LATINA, PLURAL NEUTRO DE MEMORABILIS, -E, MEMORÁVEL.

"MEMORABILIA" IN DICIONÁRIO PRIBERAM DA LINGUA PORTUGUESA [em linha], 2008-2004

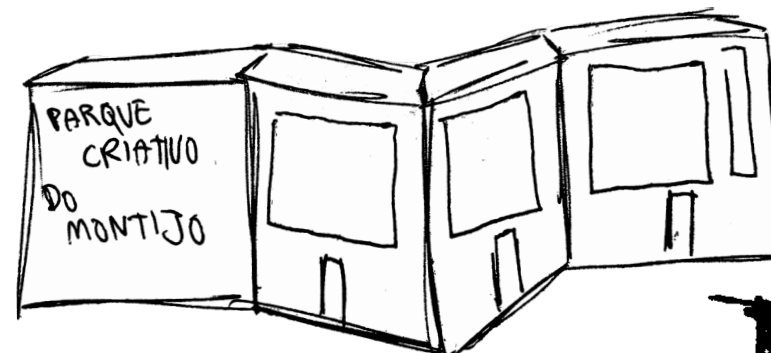
Esta última edição *Memorabilia* é uma compilação de desejos que, ao longo destes dez primeiros anos, fomos acumulando. Um pouco como se fosse uma retrospectiva dos momentos em que trincámos as velas do bolo de aniversário e, secretamente, imaginámos o que gostaríamos que acontecesse. Algumas coisas têm que ver com a actividade da Mascarenhas-Martins, outras com o que gostaríamos que fosse feito no Montijo, independentemente da nossa intervenção. Temos dedicado muito tempo a pensar no que poderia ser um território exemplar no que à cultura diz respeito; e, na prática, temos tentado fazer tudo o que está ao nosso alcance para contribuir, à nossa escala, para que consigamos aproximar o Montijo desse ideal. Na base de tudo o que pensamos continua presente o que nos motivou a fundar a Mascarenhas-Martins: a vontade de aproximar as pessoas da criação artística, enquanto forma de aprofundar a experiência humana, a cidadania, o sentido crítico, tendo em vista o alargar do exercício da liberdade individual, sempre na relação com o contexto social e político.



TRABATJO  
Espaço cultural



FESTIVAL  
CINEMA  
de  
ANIMAÇÃO  
R&S



LIVRARIA

ABR		2026				
D	S	T	Q	Q	S	S

CASA DA  
CULTURA  
PARA a  
INFÂNCIA

## **Casa da Cultura para a Infância** MARIA MASCARENHAS

Nas comemorações do 7.º aniversário da Mascarenhas-Martins, pensámos que seria interessante pôr a cidade a pensar em cultura. Numa discussão idílica, como aliás devem ser sempre estas discussões, um conjunto de pessoas que sabemos que partilham da ideia de que a cultura deve ter presença central quando se trata de pensar o futuro, sentou-se para pensar e, após uma tarde inteira de idealizações, sonhos e hipóteses concretas, chegou, democraticamente, a sete ideias que considerou as ideias mais prioritárias.

Este encontro aconteceu em 2022 e ainda que nem todas tenham sido implementadas, houve pelo menos uma tentativa para se ir ao encontro de algumas. Nós, pelo menos, fizemos esse esforço, dentro daquilo que são as nossas possibilidades, com a programação “ao lado” (a descentralização da programação cultural estava no ponto 7), e a “Acção Pedagógica” (que promove a relação com as escolas e a apresentação regular de programação dedicada à infância, pontos 1 e 2).

No ponto 2 foi também referida uma ideia que senti que tinha muito potencial. A segunda parte desse ponto dizia: “Criação de uma Casa da Cultura para Crianças”. Que ideia extraordinária, pensei. Nessa altura, já tínhamos a Leonor, que em 2022 tinha um ano, e, naturalmente, a relação entre a infância e a cultura começou a ficar mais presente. Tudo o que lia sobre a relação entre o crescimento e contacto regular com expressões artísticas era muito entusiasta: benefícios para o crescimento individual e colectivo; melhorias substanciais na qualidade de vida; respeito pelo próximo; capacitação individual; enfim. Será mesmo preciso estarmos sempre a enumerar as vantagens que um contacto regular com as artes tem na vida das pessoas (independentemente da idade)?

Esta ideia fazia todo o sentido. Problema: a sugestão que foi feita na altura (mas que não ficou na redacção final) era a de se implementar esta ideia no Domus, café emblemático da cidade localizado no Parque Municipal Carlos Hidalgo Gomes de Loureiro. Ninguém quer mexer no Domus, as pessoas querem que volte a ser o que era, um café agradável, num sítio agradável, para passar tardes agradáveis. Eu acho que as decisões políticas estão sempre muito alicerçadas neste tipo de dicotomia: manter o que é agradável, ou correr o risco de mudar. Bom, este não é o espaço para se discutir este assunto, mas sim a ideia, para continuarmos a pensar o futuro: uma Casa da Cultura para Crianças, localizada no Parque Municipal; um espaço multiusos, capaz de receber espectáculos de pequenas dimensões, um lugar para conversas, apresentações de livros e leituras de histórias ou oficinas, tornando o parque e o ar livre uma extensão do espaço interior, tudo dedicado e pensado para os mais novos.

P.s.: isto não invalidava existir um pequeno café de apoio, talvez com snacks saudáveis.

As 7 ideias para a cultura no Montijo, discutidas em 2022, continuam disponíveis no nosso site.



### Cine-Estúdio Parque LEVI MARTINS

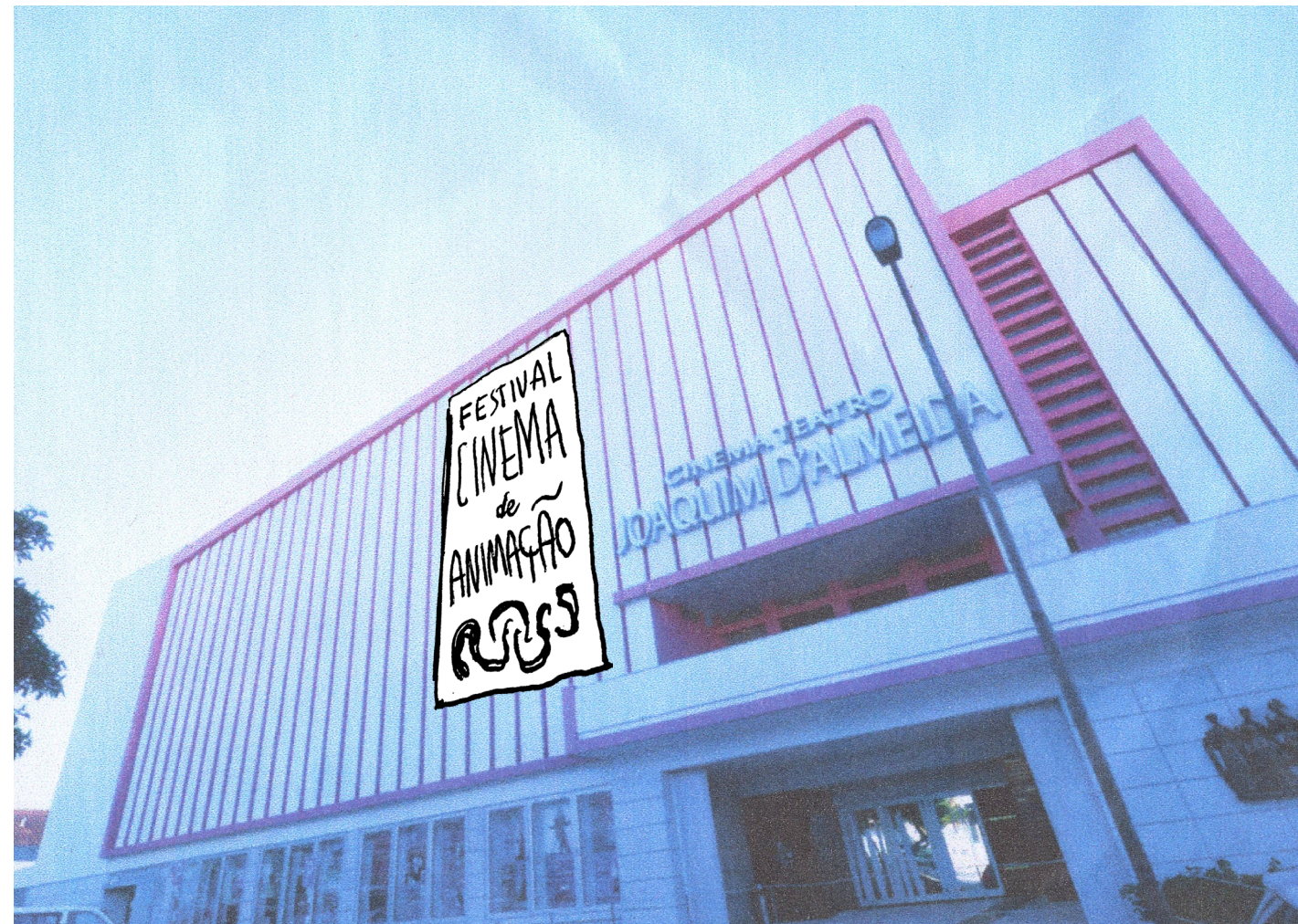
É um facto que o Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida tem feito programação de cinema independente e de autor nos últimos anos, tendo neste momento equipamento que garante projecções e som de grande qualidade. E sim, é sempre um privilégio assistir a um filme naquela grande escala. No entanto, a dimensão e lotação do CTJA será sempre pouco adequada a determinado tipo de programação, como é o caso de cinema que esteja fora do circuito das salas comerciais. Não é só por ser muito improvável que se consiga ter uma taxa de ocupação da sala significativa, que acontece de forma expectável (a realidade é o que é, não vale a pena estarmos a escamotear o facto de existir pouco público para cinema de autor; podemos é trabalhar no sentido de o aumentar, o que implica um investimento e um trabalho a longo prazo); é também porque a missão mais ou menos generalista do CTJA implica conjugar diferentes tipos de programação, o que não é necessariamente benéfico para incentivar a aproximação dos públicos a ofertas dirigidas a escalas, digamos, mais minoritárias.

No sentido de se conseguir ter no Montijo uma programação regular de cinema – de uma perspectiva educativa e cultural, sem pipocas –, seria muito interessante a Câmara Municipal considerar um dia a aquisição do Cine-Estúdio Parque, situado no Centro Comercial Parque. É verdade que por esta altura deve ser preciso fazer uma intervenção de fundo para recuperar o espaço e equipá-lo, mas de certeza que haverá candidaturas possíveis a diferentes tipos de financiamento para esse efeito.



### Festival de Cinema de Animação do Montijo MARIA MASCARENHAS

Aproveitar os recursos que já existem é a base para esta ideia. Portugal é fértil em cinema de animação, com realizadores e filmes premiados não com um mas com centenas de prémios, tendo tido exhibições em festivais por todo o mundo. Junta-se a fome com a vontade de comer e faz-se um festival de cinema de animação. A ideia seria dedicar um mês inteiro ao cinema de animação: criar uma relação com o ICA, com produtoras, com escolas superiores que tenham cursos de cinema de animação; ter programação regular durante esse mês para as escolas, programação para as famílias, encontros com realizadores, conversas, workshops de stop motion, formas animadas, som e música para filmes de animação, dobragens, dando destaque naturalmente aos filmes portugueses. As possibilidades, tal como no cinema, são infinitas.



## Trabatijo LEVI MARTINS

É de conhecimento público que a Trabatijo foi a certa altura pensada como o espaço para a Mascarenhas-Martins. A certa altura, o Presidente da Câmara Municipal do Montijo, Nuno Canta, pediu-nos para enviarmos um dossier com um resumo do que nos parecia que poderia fazer sentido naquele espaço. Tive oportunidade de fazer uma visita e enviámos um conjunto de referências e ideias. Com a inauguração da Casa da Música Jorge Peixinho e a programação que temos desenvolvido nesse espaço, existe neste momento uma interrogação quanto à Trabatijo: qual poderá ser a sua função, tendo em conta a programação do CTJA e a que fazemos na CMJP? Essa será sempre uma decisão política e terá de ser tomada em breve. Gostaria muito que essa decisão tivesse em conta a necessária conjugação com o que já existe. A articulação entre o que acontece no CTJA, na CMJP e na Trabatijo é o que pode potenciar ainda mais a dinâmica cultural local; entre a importância de acolher espectáculos e artistas de outros locais e a de estimular a criação local, aproveitando as características de cada espaço para que o mesmo cumpra da melhor forma possível o seu designio enquanto equipamento cultural público.



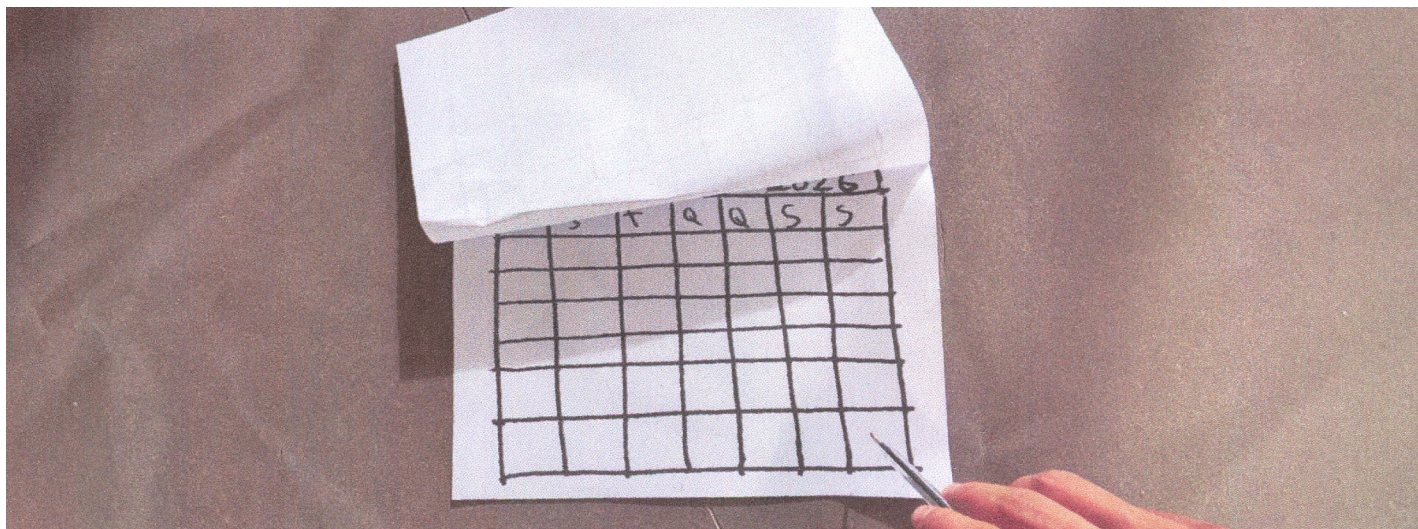
## Uma livraria na cidade MARIA MASCARENHAS

Não consigo conceber uma cidade sem uma livraria. Mas a realidade é que vivo numa. Parece que lhe falta qualquer coisa. E falta. A livraria. Uma cidade sem uma livraria é como um jardim sem... nada. "Ó, Maria, mas existe a B. e a F. no centro comercial". Não é a mesma coisa. Primeiro as duas estão voltadas para o lucro e não para a relação com a literacia. Uma delas na verdade nem é bem uma livraria, é mais uma loja que tem alguns livros à venda (como têm os hipermercados, se pensarmos nisso. E suspeito que o C. tem mais livros do que a F.). Não é a mesma coisa e toda a gente que cresceu numa cidade que tem ou já teve uma livraria sabe disso. A quantidade de histórias que há à volta de livrarias clássicas em que os livreiros que conhecem toda a gente e que recomendam aquele livro específico àquela pessoa... A arte de saber recomendar não está ao alcance de todos. Só se consegue quando se conhece a vizinhança. (Talvez fosse melhor uma livraria por bairro, agora que penso nisso). Não se combate a iliteracia sem livros, lamento. Um tablet ou um computador não substituem um livro. Que o digam os suecos, que perceberam isso na prática. Um artigo recente no jornal *Público*, tinha esta frase como título: "Fomos ingénuos": a Suécia, pioneira na digitalização da educação, está "a voltar ao papel e à caneta". E há tanta coisa boa hoje em dia. Tantas editoras independentes a fazerem um trabalho extraordinário, à procura de novos talentos na escrita e na ilustração. Talento é o que não falta. O que falta mesmo, é uma livraria.



### Privilegiar a regularidade em detrimento do que é pontual LEVI MARTINS

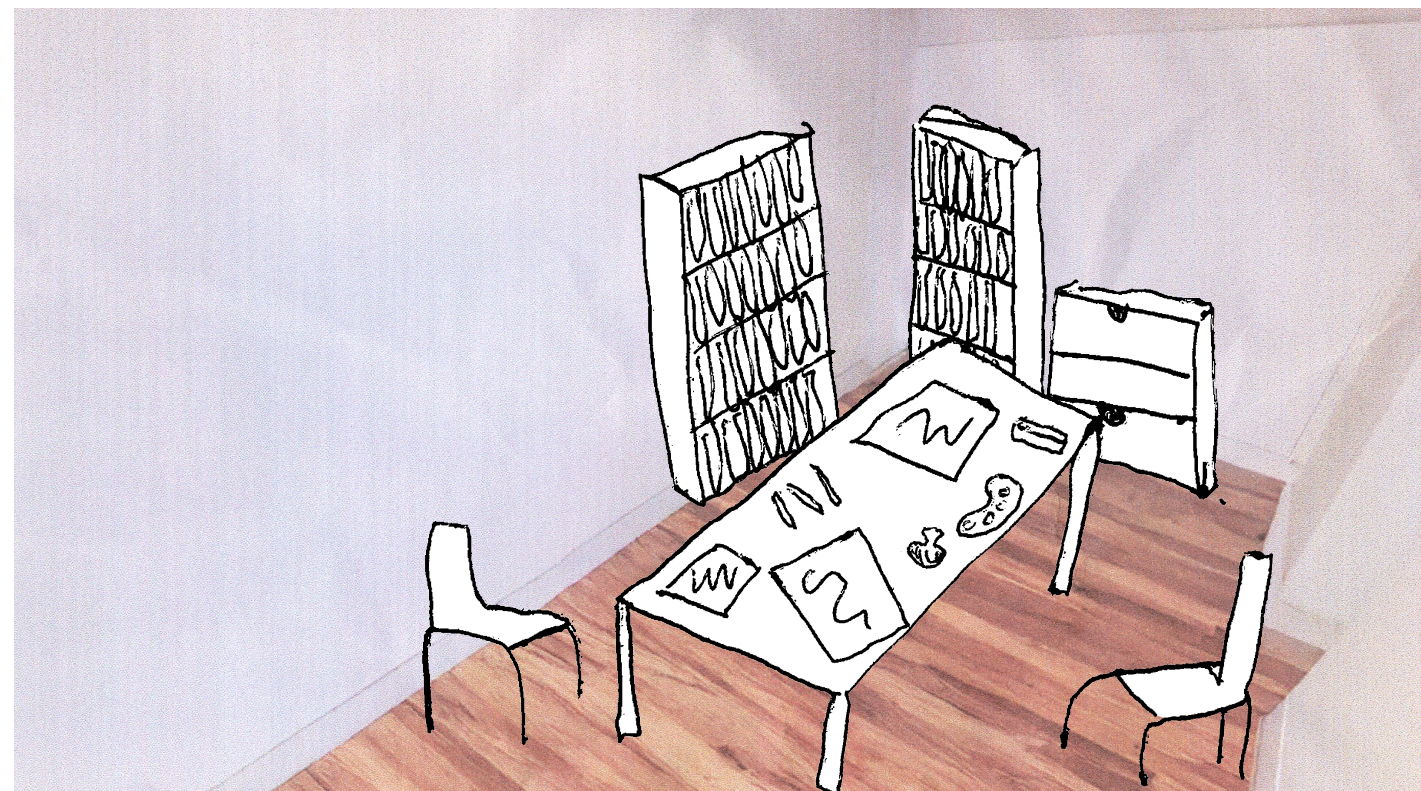
Se há coisa que me encarna é a diferença de investimento que é feito em iniciativas pontuais, em detrimento do trabalho que é feito de forma regular na cultura. É fazer contas a festas populares, festivais, eventos e comparar o investimento por cada dia/noite com o que é feito ao longo de um ano inteiro, por exemplo, na programação de um espaço. Sim, já sei que alguém vai logo começar a dizer que estou a comparar o incomparável, mas, na realidade, não creio que esteja. A questão reside no seguinte: os grandes eventos que existem com financiamento público são feitos tendo em vista muitos factores, mas quase nunca a justificação principal é de âmbito artístico e cultural – para não falar da necessidade de intervir nas estatísticas que nos colocam quase sempre nos últimos lugares da Europa no que diz respeito a hábitos culturais. Os hábitos culturais criam-se no contacto continuado com diferentes formas artísticas. O contacto continuado depende da existência de oferta regular, diversificada. E esta regularidade e diversidade é com frequência colocada em causa pela falta de investimento público na mesma. É evidente que dá muito mais saquete encher uma praça ou um parque com um concerto gratuito de um(a) artista de renome. Mas isso tem mais que ver com a vontade que os decisores têm de oferecer à população o que acham que vai gostar, do que trabalhar a pensar no longo prazo, até porque a duração dos mandatos por vezes é insuficiente para colher os frutos do que se semeou. Mas o trabalho deveria ser esse, mesmo que, de forma equilibrada, inclua também momentos que incentivem a convivialidade e a distração. Espero pelo dia em que exista maior equilíbrio entre o que é pontual e o que é regular, como forma de valorização do trabalho que, um pouco por todo o país, tem sido feito há décadas por diferentes grupos e indivíduos. Um trabalho que é, com frequência, invisível e marginal em grande parte pela pouca importância simbólica, política, que lhe é dada.



### Um atelier e um atelierista por escola MARIA MASCARENHAS

Uma das coisas que fiz quando fui mãe foi começar a ler sobre pedagogias. Uma das que me suscitou mais curiosidade foi a pedagogia Reggio Emilia, que surgiu na cidade italiana com o mesmo nome pela mão do pedagogo italiano Loris Malaguzzi, no final da Segunda Guerra Mundial, a qual visa a infância nas idades entre o pré-escolar e o primeiro ciclo e considera a criança como protagonista. Não há um sistema, uma ideia, ou seja o que for que achamos que é importante saber naquele momento e naquela idade; a criança é que escolhe. Mesmo quando não se apercebe que está a escolher. É a sua curiosidade que a guia e é isso que deve ser estimulado. Se é a curiosidade que nos leva a querer aprender, parece da maior importância valorizá-la, não é?

Para além da sala onde a turma desenvolve a sua actividade, com uma professora responsável e uma auxiliar, existe um espaço partilhado, orientado por um adulto que trabalha em colaboração com a professora titular: atelier e atelierista. A ideia passa por equipar as escolas com espaços para experimentar (parecidos com os parques criativos) inseridos dentro da escola e acompanhados por artistas, os quais poderiam circular entre várias salas e/ou escolas. Um artista como atelierista e um espaço partilhado e equipado como atelier.



## Parque Criativo do Montijo *MARIA MASCARENHAS*

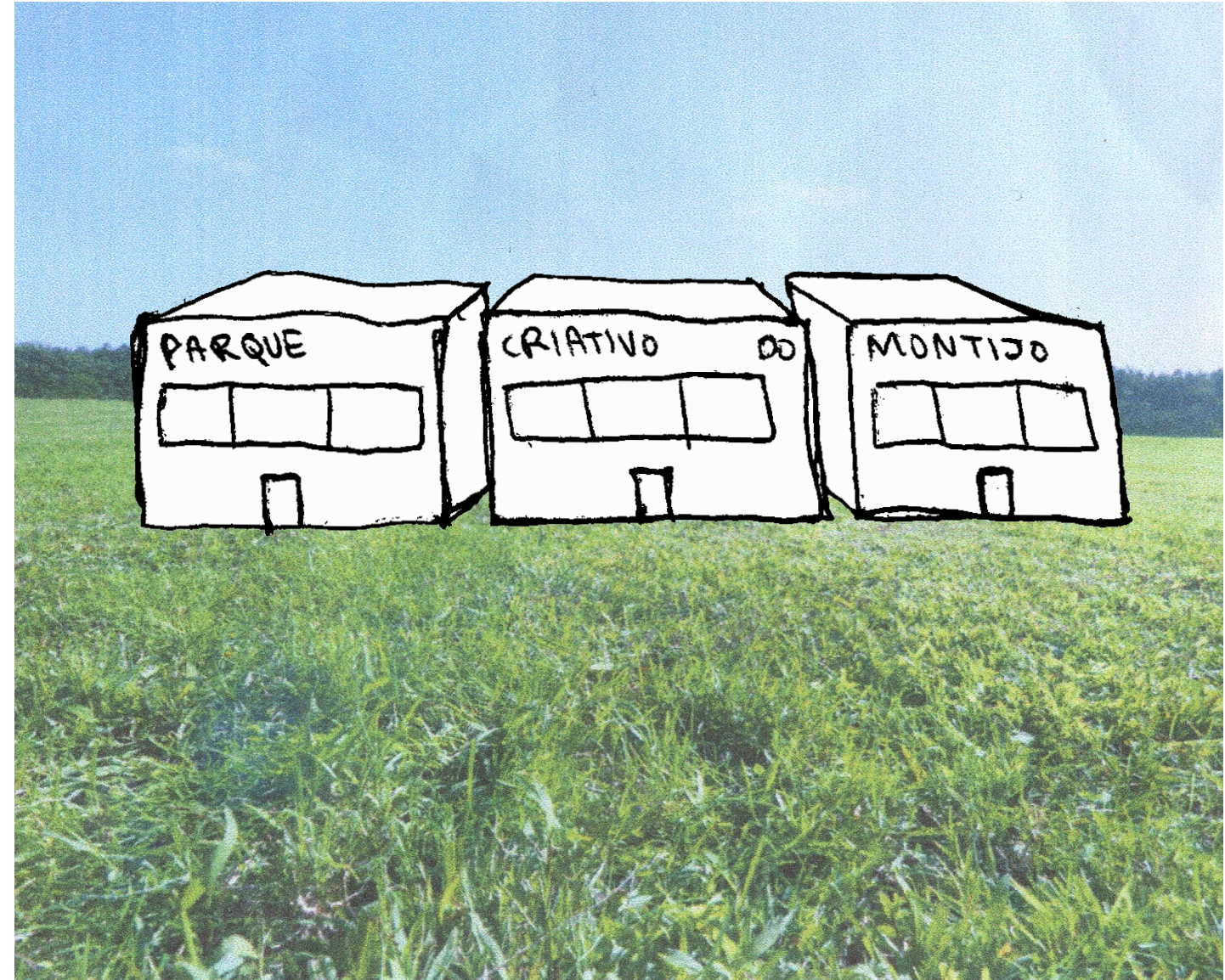
Este desejo tem que ver com a possibilidade de experimentação. E com brincar. Eu explico. Toda a gente cresce a brincar e faz muito bem. Já está mais do que provado que o tempo que se “perde” a brincar é essencial para a nossa compreensão do mundo e das suas regras, sejam elas concretas, abstractas ou simbólicas. Brincar é, inclusivamente, um dos direitos consagrados pela ONU na Declaração dos Direitos das Crianças (1959).

Para brincar não são precisos brinquedos extraordinários mas é preciso tempo, espaço e liberdade para explorar ideias. Naturalmente que alguns brinquedos podem ajudar a estimular uma parte mais concreta do que pode ser a brincadeira. Puzzles ou brinquedos de construção, por exemplo, estimulam a parte cognitiva mas também a coordenação motora fina, a criatividade e a percepção espacial e visual. Quando brincamos ao “faz de conta”, estamos também a promover o desenvolvimento do lado cognitivo e ainda o lado imaginativo, criativo mas também a comunicação entre pares, assim como a criação de laços emocionais e sociais, absolutamente essenciais para o nosso crescimento e relação social e comunitária, seja na escola, numa associação, numa assembleia ou no nosso trabalho diário. Tudo certo até aqui. O que acontece a seguir é uma ideia mais ou menos fixa de que, uma vez adquiridas essas “ferramentas”, enquanto adultos basta usá-las. “Espero bem que tenhas aproveitado bem a tua infância, acabou-se a experimentação”. Para mim, a ideia de que “acabou, agora és adulto, vai mas é trabalhar e pára de brincar”, é um erro crasso. Essa experimentação não acaba, ou melhor, não devia acabar, seja qual for a nossa profissão.

O lado lúdico da brincadeira traz não só o estímulo à criatividade e à imaginação (essenciais para a resolução de problemas), como promove o bem estar emocional e mental (em certos países já há médicos a prescrever idas a espectáculos, museus e outras actividades culturais). São conhecidos os escritórios de grandes empresas multinacionais onde se incentiva, mesmo dentro do escritório, o uso de espaços de lazer e de jogos como promoção da relação interpessoal, do aumento da colaboração e da criatividade, do bem estar dos funcionários e consequentemente da produtividade.

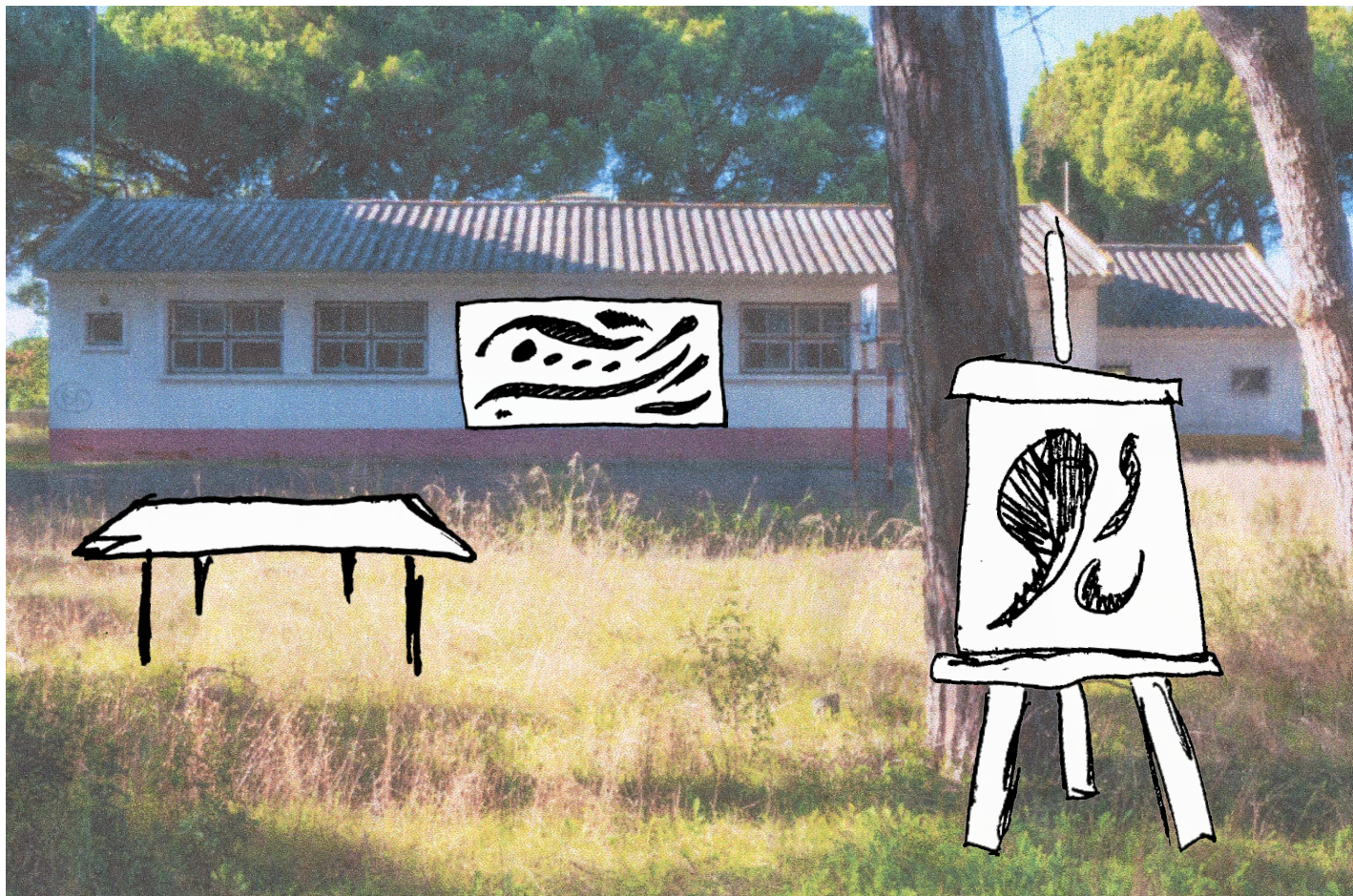
Portanto, da mesma maneira que existem parques infantis na cidade, poderiam ser promovidos parques criativos. Pronto, um parque criativo por cidade, ou seja, um espaço amplo com salas diferentes onde o objectivo é a experimentação, a liberdade criativa, a cultura da colaboração e, consequentemente, o bem estar. Imaginem: um espaço amplo, com salas pequenas, cada uma delas equipada com alguns materiais, por exemplo, uma sala experimental de artes visuais, equipada com material que um designer usaria: um computador com programas de edição; um espaço para tirar fotografias, pequeno, tipo estúdio; uma impressora; mesas; papel, pincéis, tintas, etc. Outra sala para experimentação musical, com guitarras, pedais de efeitos, instrumentos

tradicionais, bateria, piano. Outra sala para experimentação electrónica, mesas com alguns componentes, ferro de soldar, lupas. Uma sala para experimentação artesanal, um espaço para modelagem de barro, outro para tapeçaria, tricô, cerâmica. Outro ainda para marcenaria, pequenos trabalhos em madeira, esculturas e peças pequenas, com materiais e alguma madeira para se trabalhar e experimentar. Eu sei, eu sei, toda a gente vai dizer “isso é muito giro, mas é impossível”. A minha resposta sempre que alguém faz essa afirmação é: “porquê?”



## Residências artísticas em Pegões LEVI MARTINS

A construção prevista do Centro Escolar de Pegões terá como consequência a desactivação de algumas escolas existentes nessa freguesia. Essas escolas poderiam seguir o exemplo de projectos noutros locais em que antigas escolas foram transformadas em espaços de residência artística (por exemplo o Centro de Criação de Candoso, em Guimarães), para proporcionar a diferentes grupos e artistas a possibilidade de vir desenvolver uma parte dos seus processos criativos aqui. O facto de se tratar de um território próximo de Lisboa torna-se particularmente atractivo para quem tem dificuldade em ter espaços de trabalho na capital, embora possa também trazer artistas de todo o país. Para além de ser sempre interessante contarmos com a presença de artistas num território, pelas relações potenciais que se geram, pela possibilidade de contribuírem para a oferta cultural local, oportunidades formação, entre outras, também é sempre um contributo para a economia local e para a visibilidade dos territórios.

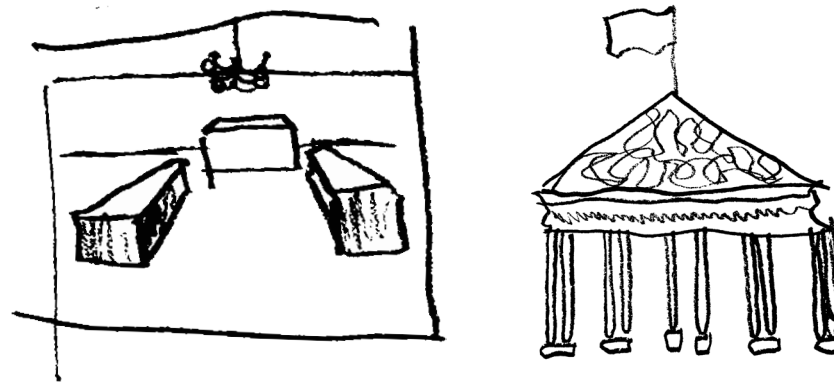


## Transformar a cultura em prioridade política LEVI MARTINS

Entendo cultura no seu sentido etimológico, cultivo do espírito, ou seja, a capacidade de enriquecermos a nossa experiência humana através de acções que vão para lá da sua função primária. Cultura enquanto acto de criação e fruição, sobretudo na relação com as diferentes manifestações artísticas, como forma de transcender o que é mais primário. Em suma: acredito no conceito de cultura enquanto forma de pensar o investimento que deve ser feito na experiência humana imaterial, no abrir de possibilidades criativas, na capacidade que temos, enquanto seres humanos, de ir para lá do que parece estar destinado. Nesse sentido, talvez o maior sonho que alguma vez tive foi o de pensar que seria possível basear a intervenção política, num determinado território, na premissa de que o mesmo iria beneficiar do investimento na cultura enquanto alavanca de tudo o resto. Ou seja: transformar a cultura em âncora de todas as políticas, as quais seriam decididas tendo em vista o seu contributo para uma vida melhor, ou seja, com mais cultura.

Não tenho dúvidas de que essa mudança de foco iria causar mudanças muito positivas, sobretudo no sentido de nos afastar de uma relação com tudo que tem como base a nossa actual condição de consumidor (ou de fomentadores de consumo tendo em vista a obtenção de lucro, ou ambos, em medidas dinamicamente variáveis, no mesmo indivíduo). A principal preocupação passaria a estar relacionada com a seguinte pergunta: "em que medida é que isto contribui para o meu cultivo interior?".

A cultura poderá ser o maior antídoto para uma lógica que nos tem deixado cada vez mais sem designio, enquanto espécie. Claro que é uma utopia, tenho perfeita noção de que estamos muito longe desta possibilidade, mas talvez fosse possível adicionar pelo menos um pouco mais de idealismo à política, para que possamos imaginar uma realidade que, mesmo que em pequena escala, possamos ajudar a construir. É que o mundo também se faz das excepções, das minorias, dos pequenos nichos, do conjunto de aventuras individuais ou colectivas que proporcionam experiências diferentes das que, muitas vezes, parecem ser um caminho de sentido único.





**A partir do arquivo da Mascarenhas-Martins**

**Texto** Levi Martins e Maria Mascarenhas

**Design gráfico e paginação** António Santiago

**Com fotografias de** António Santiago e Levi Martins

**Uma publicação Mascarenhas-Martins**

Dezembro 2025

**A Companhia Mascarenhas-Martins é uma entidade financiada por:**

